

‘Na roça não tem perigo’: informações sobre a COVID-19 entre universitários camponeses

‘No risk in the rural’: information on COVID-19 among rural university

‘Sin peligro en el campo’: información sobre el COVID-19 entre universitarios campesinos

Luiz Paulo Ribeiro, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil (luizpr@ufmg.br)

Álida Angélica Alves Leal, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil (alida@fae.ufmg.br)

RESUMO | O objetivo deste artigo consiste em analisar a recepção, avaliação e circulação de informações sobre a COVID-19 entre sujeitos que vivem em comunidades rurais situadas em municípios do interior do estado de Minas Gerais, Brasil. Esta investigação faz parte de um projeto de extensão criado em abril de 2020 com 128 estudantes de um curso de formação voltado para professores/as para o trabalho em escolas do campo, oferecido por uma universidade pública federal brasileira. Foi aplicado um questionário com questões fechadas e abertas em três etapas: 35 estudantes na primeira etapa (abril/maio de 2020), 46 estudantes na segunda etapa (julho de 2020) e 29 estudantes na terceira etapa (junho/julho de 2021). Os dados foram tratados através da análise de conteúdo categorial. Os resultados foram organizados nas seguintes categorias: a) meios de comunicação para acesso à informação, b) foco das informações, c) imunização por meio da vacina e d) informações falsas ou duvidosas. É observado um excesso de informações falsas que poderia ter agravado os efeitos da pandemia entre populações rurais e camponesas no contexto analisado. Assim, diante das inseguranças do cenário pandêmico e do modo como a pandemia afeta e é percebida pelas populações rurais, ainda há necessidade de criação de espaços qualificados de acesso à informação científica, assim como de orientações em saúde para essas pessoas.

PALAVRAS-CHAVE: COVID-19; estudantes camponeses; informações falsas; comunicação e saúde; Brasil.

FORMA DE CITAR

Ribeiro, L. P. & Alves Leal, A. (2022). ‘Na roça não tem perigo’: informações sobre a COVID-19 entre universitários camponeses. *Cuadernos.info*, (52), 1-23. <https://doi.org/10.7764/cdi.52.41407>

ABSTRACT | *This article analyzed the reception, evaluation and circulation of information on COVID-19 between people living in rural communities located in municipalities in the interior region of the state of Minas Gerais, Brazil. This research is part of an extension project created in April 2020 with 128 students from a training course aimed at teachers for rural schools, offered by a Brazilian federal public university. Questionnaires with closed and open questions were applied in three stages: 35 students in the first stage (April/May 2020), 46 students in the second stage (July 2020) and 29 students in the third stage (June/July 2021). Data were analyzed using categorical content analysis. The results were organized into the following categories: a) means of communication to access information, b) focus of information, c) immunization through vaccine and d) false or misleading information. There is an excess of false information that could have aggravated the effects of the pandemic among rural and peasant populations in the analyzed context. Thus, given the insecurities of the pandemic scenario and the way in which the pandemic affects and is perceived by rural populations, there is still a need to create qualified spaces for access to scientific information as well as health guidelines for these people.*

KEYWORDS: COVID-19; rural students; false information; health communication; Brazil.

RESUMEN | El objetivo de este artículo fue analizar la recepción, evaluación y circulación de información sobre COVID-19 de personas que viven en comunidades rurales ubicadas en municipios del interior del estado de Minas Gerais, Brasil. Esta investigación forma parte de un proyecto de extensión creado en abril de 2020 con 128 estudiantes de un curso de formación dirigido a profesores para escuelas rurales, ofrecido por una universidad pública federal brasileña. Se aplicaron cuestionarios con preguntas cerradas y abiertas en tres etapas: 35 estudiantes en la primera (abril/mayo de 2020), 46 estudiantes en la segunda (julio de 2020) y 29 en la tercera (junio/julio de 2021). Los datos se analizaron mediante análisis de contenido categórico. Los resultados se organizaron en las siguientes categorías: a) medios de comunicación para acceder a la información, b) foco de la información, c) inmunización a través de la vacuna y d) informaciones falsas o engañosas. Se observa un exceso de información falsa que podría haber agravado los efectos de la pandemia entre las poblaciones rurales y campesinas en el contexto analizado. Dadas las inseguridades del escenario y la forma en que la pandemia afecta y es percibida por las poblaciones rurales, aún existe la necesidad de crear espacios calificados de acceso a la información científica, así como pautas de salud para estas personas.

PALABRAS CLAVE: COVID-19; estudiantes camponeses; noticias falsas; comunicación y salud; Brasil.

INTRODUÇÃO

A pandemia de Sars-CoV-19 teve seu início em Wuhan, na China, com as primeiras identificações de contaminação em 2019 e uma proliferação sequencial, de nível mundial, sendo caracterizada como pandemia pela Organização Mundial de Saúde em março de 2020. Mesmo com a adoção de medidas profiláticas e de proteção que possuem efetividade comprovada, como o uso de máscaras (Cheng et al., 2021), a lavagem constante das mãos, a utilização de álcool em gel (Sequinel et al., 2020) e o distanciamento social (Qian & Jiang, 2020; Galanti et al., 2021), a fim de buscar o controle da dispersão do vírus, o número de casos notificados mundialmente de novas contaminações e de mortes foi, e continua sendo, exponencial (World Health Organization, 2021).

Em decorrência da pandemia instaurada, as desigualdades sociais foram extenuadas. A desigualdade social, endêmica nos países da América Latina, *“una resultante de la asimetría en la distribución de recursos y servicios, privilegios y responsabilidades, prestigio y poder”* (Polino, 2019, p. 1), teve duas faces no contexto da pandemia: se, por um lado, exacerbou e demonstrou a diferença no acesso à saúde e aos recursos de cuidado e proteção à vida, por outro, devido à desigualdade também no acesso à cultura científica e no consumo informacional, os povos latino-americanos ficaram à mercê da manipulação por informações falsas ou de baixa qualidade. Essas duas faces podem ter contribuído para o cenário pandêmico na região, na qual, segundo dados da Reuters (2021), até março de 2022, puderam ser contabilizadas mais de 65 milhões de infecções e mais de 1,6 milhões de mortes pela COVID-19 nos países da América Latina e do Caribe, com destaque para o Peru, com 6322 mortes por milhão de habitantes, totalizando mais de 210 mil mortes, e o Brasil, com 3058 mortes por milhão, com registro de mais de 650 mil óbitos.¹

De acordo com a Fundação Oswaldo Cruz (2020), a pandemia da COVID-19 é a primeira da história na qual contamos com a tecnologia e as mídias sociais em larga escala. Galhardi et al. (2020) sinalizam que este enfrentamento acontece em uma “era digital de marketing político” (p. 4203).

Por um lado, a tecnologia e as mídias sociais são suportes importantes para que a população se mantenha devidamente informada e conectada, diante da necessidade do distanciamento social. Contudo, por outro lado, a chamada “infodemia” tem ganhado destaque. De acordo com material produzido em parceria pela Organização

1. Para fins de referência comparativa, segundo dados do *Our World in Data* e Ministério da Saúde, em 07 de março de 2022, o Peru ocupava o 1º lugar e o Brasil o 14º lugar no ranking mundial de países com maior número de mortes por COVID-19 por milhão de habitantes (Brasil cai para 14º em ranking de mortalidade por covid, 2022, March 7).

Pan-Americana de Saúde (OPAS) e a Organização Mundial de Saúde (OMS), em diálogo com Zarocostas (2020), o termo infodemia diz respeito à

um grande aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento específico, como a pandemia atual. Nessa situação, surgem rumores e desinformação, além da manipulação de informações com intenção duvidosa. Na era da informação, esse fenômeno é amplificado pelas redes sociais e se alastra mais rapidamente, como um vírus (Organização Pan-Americana da Saúde, 2020, p. 1).

A chamada “superabundância de informações” ocorre tanto *online* como *offline* (Fiocruz, 2020). Ainda conforme o referido material, algumas dessas informações são precisas, outras não, o que dificulta encontrar fontes e orientações confiáveis quando necessário. Tal situação dificulta a tomada de decisões por parte da população, de gestores e profissionais da área da saúde, principalmente diante do escasso tempo hábil disponível para a avaliação das evidências publicamente disponibilizadas para fundamentar as ações (Garcia & Duarte, 2020, p. 1).

A OPAS (2020) sinalizou que, no contexto pandêmico, a desinformação² tem a capacidade de afetar todos os aspectos da vida, prejudicando a saúde humana, especificamente a mental. Alencastro e Melo (2021), por exemplo, sinalizam sobre o uso indiscriminado de medicamentos não comprovados: “as evidências científicas sobre o uso desses medicamentos para o tratamento da COVID-19 são insuficientes e não há comprovações disponíveis sobre seus benefícios” (p. 4). Diga-se que a proliferação de notícias falsas impactou diretamente a comunicação da ciência diante da pandemia.

Quanto aos impactos na saúde mental, o bombardeio de informações que chega à população por diferentes meios e mídias pode sobrecarregá-la, gerando ansiedade, depressão, esgotamento e incapacidade de respostas a demandas referentes aos cuidados com a saúde, por exemplo (Garcia & Duarte, 2020).

2. Em referências bibliográficas em língua inglesa sobre o tema, verifica-se o uso dos termos *disinformation* e *misinformation*. O primeiro refere-se a informações deliberadamente falsas, enganosas ou tendenciosas, “disseminadas por um governo ou agência de inteligência em um ato hostil de subversão política tática” (Dictionary.com, 2020). O segundo termo concerne a informações falsas espalhadas independentemente se há ou não a intenção de enganar. Neste artigo, usamos o termo “desinformação” no segundo sentido, como ocorre na maioria dos trabalhos referentes aos efeitos da COVID-19 em áreas rurais em diferentes partes do mundo, dado não ser possível identificar se as informações às quais os participantes da pesquisa se referem, conforme avaliação feita por eles/as, teve ou não a intencionalidade de enganar.

Ademais, a desinformação pode levar ao aumento da estigmatização em relação à doença e ameaçar avanços já alcançados no âmbito do trato com as questões da saúde pública, colocando em risco o controle da pandemia. Alencastro e Melo (2021) salientam que a infodemia tem provocado desconfiança da população em relação às medidas de prevenção recomendadas para evitar o contágio. As informações falsas ou duvidosas e seu processo de disseminação polarizam o debate público acerca de questões ligadas à COVID-19, provocando a ampliação do discurso de ódio, potencializando violações de direitos humanos e ameaçando perspectivas de avanço da democracia. “A desinformação custa vidas” (Fundação Oswaldo Cruz, 2020, p. 2).

Garcia e Duarte (2020) constatam que, no Brasil, a circulação de notícias falsas é intensa. Ganham destaque mídias sociais como *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*, que alcançam grande parcela da população. Nestas, qualquer pessoa pode compartilhar informações, sejam falsas ou não. A respeito de informações sobre a pandemia, conforme estudo da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP/Fiocruz) (Galhardi et al., 2020, p. 4204), “10,5% circulam pelo Instagram, 15,8% pelo Facebook e 73,7% pelo WhatsApp”. Ainda, que “71,4% das mensagens falsas que circularam no WhatsApp citam a Fiocruz como fontes de textos”.

São recentes algumas iniciativas de grandes plataformas no sentido de sinalizar e/ou privilegiar algumas fontes oficiais de informações, ou de sinalizar e/ou bloquear conteúdos considerados inadequados (Vasconcellos-Silva & Castiel, 2020). Há que se destacar que a internet é uma fonte relevante de buscas de informações sobre medidas de prevenção à pandemia no país (OPAS, 2020).

Conforme a OMS (2020), a chamada “epidemia da desinformação” demanda uma resposta coordenada e multidisciplinar, baseada em evidências, envolvendo estados, organizações multilaterais, sociedade civil e demais atores que possuem responsabilidades no combate à desinformação. Nesse contexto, foram definidos quatro eixos para ciência da gestão da infodemia – a “infodemiologia”:

- (1) monitoramento de informações (vigilância);
- (2) fortalecimento da capacidade de alfabetização em saúde digital e ciência;
- (3) incentivo a processos de aprimoramento da qualidade das informações, como verificação de fatos e revisão por pares; e
- (4) tradução precisa e oportuna do conhecimento, minimizando fatores de distorção, como influências políticas ou comerciais (Garcia & Duarte, 2020, p. 2).

Diante do apresentado sobre a importância da comunicação na pandemia da COVID-19, e vislumbrando a necessidade de reconhecer como esta aconteceu em diferentes contextos, este artigo tem o objetivo de analisar a recepção, avaliação e circulação de informações sobre a Covid-19 entre sujeitos que vivem em comunidades

rurais situadas em municípios do interior do estado de Minas Gerais, Brasil. De acordo com Alencastro e Melo (2021, p. 5), é fundamental a realização de “pesquisas que identifiquem como a infodemia repercute na vida das pessoas, com vistas a embasar estratégias de intervenções que busquem reduzir os impactos prejudiciais da disseminação desenfreada de informações relacionadas à saúde”, particularmente no contexto da disseminação de doenças pandêmicas como a COVID-19. Neste trabalho, de modo especial, ressaltamos que, embora seja o tema da desinformação e a COVID-19 seja muito debatida e investigada no cenário atual, não há um enfoque na abordagem de localidades situadas no interior do Brasil, especialmente com foco nas populações rurais. As discussões e produções, muitas vezes, concentram-se somente nos grandes centros urbanos, havendo uma invisibilização acerca das populações do campo. Tal aspecto também foi identificado por Mueller e seus colegas (2020) que, a partir de pesquisa sobre o assunto no Oeste dos Estados Unidos, afirmaram: “os efeitos da pandemia de COVID-19 nas populações rurais foram graves, com impactos negativos significativos no desemprego, satisfação geral com a vida, saúde mental e perspectivas econômicas”. Isto demonstra a relevância e urgência na abordagem do tema para o campo de pesquisa supramencionado.

Cabe ressaltar que o contexto em que os dados foram coletados é de um curso de formação de professores para escolas rurais/do campo. Este curso de graduação começou a ser ofertado em 2005, como projeto, em diálogo com o Ministério da Educação (MEC) e movimentos sociais, sendo institucionalizado em 2009. Realiza formação em alternância, com espaços e tempos organizados por meio da articulação entre Tempos Escola (TE) e Tempos Comunidade (TC) –períodos intermediários em que os discentes estão em seus locais de moradia e/ou trabalho– realizando atividades sob acompanhamento de docentes e monitores/as. O currículo é organizado em quatro áreas do conhecimento: Ciências Sociais e Humanidades, Ciências da Vida e da Natureza, Línguas, Arte e Literatura e Matemática. Com a pandemia, a formação proposta em Alternância foi diretamente impactada e a realização de atividades presenciais na universidade foram restringidas. As aulas, então, passaram a acontecer via plataformas digitais, pela internet, assim como a realização do projeto de extensão em questão. Cabe lembrar que um dos princípios desse curso consiste em pensar um projeto de escola articulado a um projeto de campo e sociedade, baseado no protagonismo dos sujeitos do campo, respeitando seus modos de vida na relação com os territórios (Leal et al., 2019).

No âmbito do curso, são realizados diferentes projetos que articulam ensino, pesquisa e extensão, envolvendo docentes, discentes e as comunidades rurais às quais o grupo encontra-se vinculado, destacando a participação de sujeitos individuais e coletivos diversos (movimentos sociais, sindicatos, gestores públicos, coletivos, entre outros). As atividades do projeto de a que este trabalho se refere

são desenvolvidas em formato remoto e visam à mobilização de sujeitos do campo em torno de ações que tenham como centralidade a discussão sobre a importância da luta contra o COVID-19 e, principalmente, o papel da ciência nesse contexto; com socialização e divulgação de informações sobre o tema.

Uma das ações específicas do projeto consistiu na realização de mapeamento e acompanhamento sobre como a pandemia tem afetado os municípios e comunidades de moradia e/ou trabalho dos discentes do Curso. Visamos produzir informações acerca do contexto para possíveis intervenções junto aos participantes. Tal ação origina o estudo aqui apresentado, ao abordar um dos aspectos pesquisados: o acesso, a recepção e a circulação de informações sobre a COVID-19, tanto científicas, quanto informações falsas.

PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa foi realizada através das ações de um projeto de extensão –que subsidia este estudo– realizado por uma universidade pública federal brasileira, que teve como objetivo acompanhar as comunidades rurais e camponesas do estado de Minas Gerais, Brasil, desde a proposição das primeiras restrições devido à pandemia da COVID-19. Os sujeitos-alvo do projeto de extensão são 128 (cento e vinte e oito) jovens camponeses, alunos de um curso de graduação de formação de professores para atuar em escolas rurais/do campo.

A pesquisa é qualitativa e de caráter exploratório, ou seja, um estudo que buscou proporcionar uma familiaridade com o contexto de estudo, etapa inicial para ter uma visão geral acerca de um fato (Gil, 2008). Não houve, portanto, baliza por parâmetros amostrais quantitativos seguindo regras probabilísticas. Logo, os resultados não são passíveis de generalização para toda a população rural do território pesquisado. A investigação foi composta de diferentes ações, com ênfase em um questionário eletrônico enviado aos 128 alunos e alunas do curso em questão via Google Formulários, respondido por aqueles/as que concordaram em avaliar as condições e repercussões da pandemia em suas comunidades. Foram feitas três aplicações: a primeira aconteceu no período compreendido entre 20 de abril a 06 de maio de 2020, com 35 (trinta e cinco) respondentes. A segunda foi realizada entre 13 de julho e 19 de julho de 2020, com 46 (quarenta e seis) respondentes. E a terceira aplicação ocorreu entre os dias 29 de junho e 08 de julho de 2021, com 29 (vinte e nove) respondentes. Em cada um dos relatos, estes períodos foram identificados. Cabe ressaltar que os mesmos 128 estudantes receberam o questionário nos períodos descritos e que os e as estudantes foram apresentados ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido logo na primeira sessão do questionário, dando consentimento de acesso aos dados e a posterior publicação dos resultados resguardando o seu anonimato.

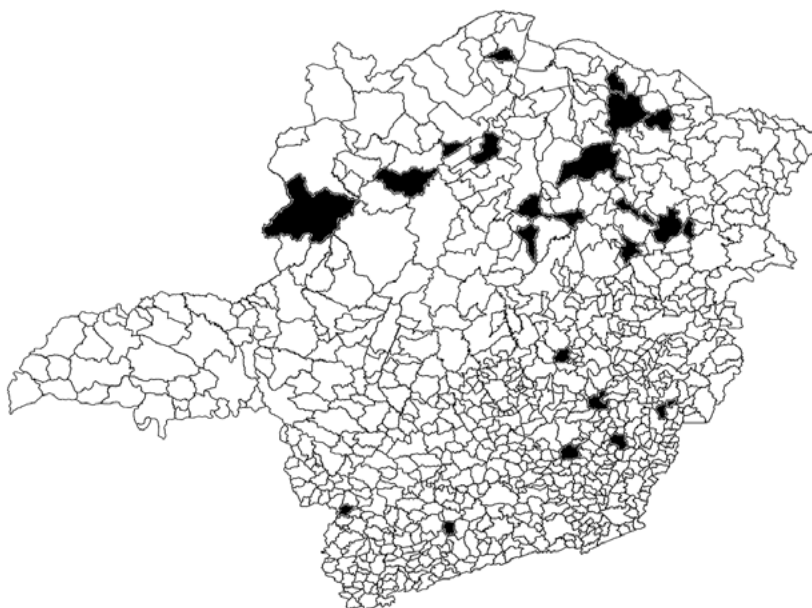


Figura 1. Localização dos 21 municípios dos participantes da pesquisa (Estado de Minas Gerais, Brasil)

Fonte: Elaboração própria.

Os questionários continham perguntas fechadas e abertas, sendo organizados em 02 (dois) blocos: a) perfil dos estudantes; b) enfrentamento da pandemia do COVID-19 pelos sujeitos e suas comunidades. Quanto ao tema abordado neste artigo, realizamos o seguinte questionamento: “Na sua comunidade, quais são os principais meios utilizados pelos sujeitos para ter acesso a informações sobre a Pandemia de COVID-19?”. No terceiro momento, ampliamos o número de perguntas sobre o tema tratado, abrangendo a avaliação das informações recebidas e compartilhadas nas comunidades rurais durante a pandemia, circulação de informações e estratégias para seleção informacional sobre o tema.

A partir da coleta feita, houve um trabalho de verificação e tratamento dos dados, buscando uma categorização das respostas, respeitando o contexto dos três momentos da coleta de dados. Foi realizada a análise de conteúdo categorial (Bardin, 2011). Apresentamos o perfil dos respondentes e a análise dos dados, organizados em categorias, construídas em diálogo com as discussões teóricas.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

A primeira coleta de dados foi realizada entre 20 de abril e 06 de maio de 2020, em um período em que se sabia pouco sobre a pandemia e que os jornais e

informativos traziam muitas informações sobre as repercussões em outros países, principalmente nos países da Europa e a China. No Brasil, as ações de *lockdown*, embora incipientes, estavam vigentes, escolas com aulas suspensas (Ribeiro et al., 2021), assim como suspensão de eventos com aglomerações e celebrações religiosas presenciais (Ribeiro & Leal, 2020), modelos de Ensino Remoto Emergencial (ERE) e trabalho na modalidade de *homeoffice* haviam sido instalados. Naquele momento, o número de contágios no país ainda era considerado baixo.

No segundo momento, entre 13 e 19 de julho de 2020, a pandemia já havia se instaurado no Brasil, com registro de mais de 60 mil mortos devido à COVID-19. Neste momento, os casos também já haviam se dispersado no interior. Alguns municípios do estado de Minas Gerais –foco desta pesquisa– haviam aderido às orientações do Programa Minas Consciente, implementado pelo governo do estado para acompanhamento dos índices de contágios e de mortes, além de avaliação e recomendações sobre fechamento e abertura de comércios e atividades locais dos municípios. Já havia uma especulação social sobre imunizantes e, como apontam Galhardi et al. (2020), muitas informações (verdadeiras e falsas) já circulavam pelas redes sociais e aplicativos de trocas de mensagens sobre a pandemia.

A terceira coleta de dados aconteceu entre os dias 29 de junho e 08 de julho de 2021. O cenário dessa aplicação é contextualmente diferente dos demais por dois motivos: o aumento exponencial do número de mortes, que neste momento já ultrapassava 530 mil pessoas, e a vacinação de grupos para além dos idosos e comorbidades. É nesse momento que houve a vacinação de professores e demais trabalhadores da área de educação, o que implicou numa incisiva tensão sobre a volta às aulas. Mesmo com a campanha de imunização em andamento, muitas atividades comerciais, empresariais, religiosas e comunitárias já haviam voltado ao ritmo normal, apenas com orientações sobre uso de máscara e higienização de mãos. A vacinação, neste período, implicava num extenso registro de informações sobre a qualidade dos imunizantes e os efeitos colaterais dos imunizantes.

Tendo em vista esta explicação e contextualização de cada um dos momentos da coleta de dados desta pesquisa, associado à discussão sobre a infodemia, conforme dito anteriormente (Zarocostas, 2020), em cada uma das categorias será apresentado a evolução/involução dos três momentos, entendendo que em cada um deles há um nível de comunicação da ciência durante a pandemia. A análise está estruturada a partir das categorias: meios de comunicação e acesso à informação, foco das informações, imunização por meio da vacina e informações falsas ou duvidosas.

	PRIMEIRO MOMENTO	SEGUNDO MOMENTO	TERCEIRO MOMENTO
PERÍODO	20/04/2020 a 06/05/2020	13 a 19/07/2020	29/06/2021 a 08/07/2021
NÚMERO DE RESPONDENTES	35 respondentes	46 respondentes	29 respondentes
SITUAÇÃO BRASILEIRA	<i>início das medidas restritivas, alguns municípios em lockdown e implantação de trabalhos na modalidade homeoffice</i>	<i>A situação pandêmica estava instalada nos municípios do interior, permanecia o lockdown em muitos municípios</i>	<i>Aumento exponencial dos casos, medidas de restrição maleáveis e vacinação em curso</i>
NÚMERO DE MORTOS PELA COVID-19 NO BRASIL	10.627 mortes	69.254 mortes	530.000 mortes

Figura 2. Organização e contextualização dos três momentos da coleta de dados.

Fonte: Elaboração própria.

MEIOS DE COMUNICAÇÃO E ACESSO À INFORMAÇÃO

Ao serem questionados sobre os principais meios utilizados pelos sujeitos para ter acesso às informações sobre a Pandemia de COVID-19 nas comunidades, obtivemos as seguintes avaliações. O quadro 1 apresenta uma síntese sobre quais meios de comunicação foram utilizados para o recebimento de informações nos três momentos analisados.

Há a presença marcante das edições especiais e jornais televisionados, entretanto, destaca-se o rádio como veículo de acesso à informação na área rural. A este respeito, na pesquisa realizada por Fraga et al. (2017, p. 8), “o rádio continua fazendo parte do cotidiano” dos moradores de áreas rurais. Isso pode ser notado na pesquisa realizada com habitantes de 130 comunidades rurais de uma região do estado de Minas Gerais, na qual identificou-se que o rádio perde apenas para a televisão, indicada como o meio mais utilizado. Quanto ao rádio, observa-se ser um instrumento de diálogo com o cotidiano, as matrizes culturais camponesas, temas de interesse dessas populações e suas especificidades. Contudo, os autores salientam que, apesar da posse e uso do rádio ser maciça, o mesmo já não é um objeto que enseja o desejo de consumo, perdendo para celulares e *tablets*, dado ser crescente o uso da internet.

Meios e formas de acesso à informação	1ª Aplicação 35 respondentes	2ª Aplicação 46 respondentes	3ª Aplicação 29 respondentes
Unicamente jornais e edições especiais televisionados	14%	17%	7%
Unicamente o WhatsApp	6%	-	-
Unicamente profissionais de saúde	-	-	3%
Jornais e edições especiais televisionados	85%	89%	83%
WhatsApp	69%	64%	76%
Facebook	34%	53%	52%
Instagram	20%	13%	34%
Youtube	-	-	10%
Twitter	2%	-	-
Tik Tok	-	-	7%
Rádio	34%	51%	38%
Site da universidade	23%	13%	17%
Sites especializados ³	23%	7%	7%
Família	40%	47%	38%
Profissionais de saúde ^{4,5,6}	31%	42%	7%
Vizinhos		42%	7%

**Quadro 01. Identificação de formas e meios de acesso à informação por parte dos participantes de um projeto de extensão. (número de questionários enviados = 128).
Apresentação sobre os três momentos de aplicação analisados**

Fonte: dados do acompanhamento do projeto de extensão.

Dessa forma, também é notável, nos dados da pesquisa apresentada neste artigo, a importância do acesso à informação a partir das redes sociais e aplicativos de trocas de mensagens: uso de WhatsApp (1º momento: 69%; 2º momento: 64%; 3º momento: 76%), do Facebook (1º momento: 34%; 2º momento: 53%; 3º momento: 52%)

3. Site do Ministério da Saúde, Canal do Shwarza no YouTube, Canal do Nando Moura no YouTube.
4. Na primeira aplicação a circulação de informações sobre a pandemia por meio de Carros de som da prefeitura. foi mencionada por uma estudante que mora em uma comunidade rural no município de Grão Mogol/MG.
5. Na segunda aplicação a circulação de informações sobre a pandemia por meio de motocicleta com equipamento. de som, mencionada por uma estudante que mora na Sede do município de Jequeri/MG.
6. Na terceira aplicação, carros de som ou estratégias deste tipo não foram mencionadas.

e do Instagram (1º momento: 20%; 2º momento: 13%; 3º momento: 34%) estiveram presentes nos três momentos da pesquisa. Isso ressalta a importância desses veículos para a dispersão da informação sobre a ciência e reafirma os achados de Galhardi et al. (2020, p. 4204) de que das informações “10,5% circulam pelo Instagram, 15,8% pelo Facebook e 73,7% pelo WhatsApp”. Isso também pode ser fruto da dispersão social do uso de celulares com internet e aplicativos de trocas de mensagens e da larga utilização deles por grupos jovens da sociedade.

Desde já problematizamos que, embora sejam veículos importantes de dispersão da informação, muitas das vezes durante a pandemia, foi possível ver e receber por estes aplicativos de trocas de mensagens, informações falsas e de cunho político-mercadológico que podem ter incidido em condutas de exposição ao contágio pela COVID-19 e prejudicado a saúde humana (OPAS, 2020). Ainda há pouco controle pelas agências governamentais e das grandes plataformas sobre a qualidade dessas informações, havendo um caminho ainda necessário a ser percorrido pelas instituições de justiça para a averiguação e punição desses casos (Vasconcellos-Silva & Castiel, 2020).

FOCO DAS INFORMAÇÕES

Nesta segunda categoria, estão expostos os relatos sobre qual é o foco das informações recebidas, especificamente sobre a COVID-19 e o Coronavírus, em cada um dos momentos de aplicação dos questionários. No primeiro momento da coleta dos dados, nota-se que o nível informacional perpassa as orientações sobre a prevenção, assim como o vislumbre dos dados internacionais de casos e mortes:

O vírus é muito mais letal para o grupo de risco, não dispensar os métodos de prevenção (participante do município de São Domingos do Prata).

Até o momento, o conhecimento que possuímos é de que um vírus altamente contagioso, surgido na China, se propagou pelo mundo em pouquíssimo tempo, afetando a vida e o cotidiano das pessoas e deixando milhares de vítimas fatais (participante do município de Rio Pardo de Minas).

Fique em casa. Não saia de casa. Esse vírus é muito perigo. Morreram muitos mil na Espanha e nos Estados Unidos (participante do município de Rio Pardo de Minas).

Já no segundo momento da aplicação, em que já havia uma instauração da pandemia no contexto brasileiro, o foco das informações passou para uma atenção local, com preocupações sobre o avanço do número de casos e sobre a possível ineficiência do sistema de saúde caso houvesse o aumento das infecções.

Que é uma doença causada por vírus, como uma "gripe", mas com sintomas mais graves, podendo levar a óbito. Para as pessoas ficarem atentas, mesmo porque o município, assim como municípios vizinhos, não possui infraestrutura adequada para atendimento da população (participante do município de Santo Antônio do Retiro).

Acredito que chegam as questões biológicas do vírus, mas não abre para as discussões políticas e sociais. Chega a quantidade de infectados, mortos etc. Mas uma abrangência bem no senso comum. E acredito que por medo, ou outro fator, percebo que os sujeitos da minha comunidade não ficam buscando o acesso a essas informações, apenas o que vem normalmente no jornal antes da novela, no rádio depois da missa etc. (participante do município de Morro do Pilar).

No terceiro momento da coleta, nota-se que o foco esteve no número de casos e óbitos devido à COVID-19, o aparecimento das informações falsas⁷, além da discussão sobre a imunização através de vacinas.

Que o vírus é altamente contagioso e com muitos riscos, devemos usar a máscara e o álcool em gel para se cuidar quando sair de casa. O Brasil já ultrapassou a marca de 500 mil mortos pela doença e grandes nomes têm nos deixado. O presidente com a maior parcela de culpa não fez questão da vacina logo na sua descoberta e hoje o Brasil enfrenta uma grande deficiência da mesma (participante do município de Piranga).

Durante a pandemia, foram diversas as informações verdadeiras e falsas que chegaram sobre a COVID-19 em minha comunidade. Informações verídicas: a pandemia tem alta taxa de letalidade em pessoas idosas e com comorbidades; o hospital de Capelinha não tem infraestrutura adequada para receber mais de 10 pacientes de COVID-19 na UTI e na enfermaria; podemos entrar em uma terceira onda de COVID-19; uso de álcool e máscara são fundamentais na prevenção (participante do município de Capelinha).

Nota-se, diante do avanço dos casos, da proximidade das ocorrências e óbitos (principalmente no segundo e terceiro momentos), que as informações passam de mais gerais e explicativas sobre o vírus -por vezes tratado como algo distante, de outros países, no primeiro momento- para uma demonstração da progressão de casos no Brasil, assim como, passa a problematização sobre caminhos para

7. As informações falsas ou duvidosas foram tratadas em diferentes canais de comunicação como *fake news*, entretanto, neste artigo optamos por não utilizar essa nomenclatura tendo em vista as questões paradoxais que envolvem seu conceito e sua verificação.

a proteção da população através da vacinação. Observa-se, ainda, a chamada “superabundância de informações” (Fiocruz, 2020), com indícios, principalmente no terceiro momento, da existência de informações falsas ou duvidosas⁸ e desconsideração da ciência por parte das autoridades governamentais para decisões diante do avanço da pandemia.

IMUNIZAÇÃO POR MEIO DA VACINA

No que diz respeito à informação sobre a imunização através da vacinação, o movimento é parecido com a categoria anterior, passa-se de um momento de não existência e especulação sobre uma vacina, a manutenção das medidas de distanciamento social até que a vacina seja descoberta, para um momento em que a(s) vacina(s) é (são) realidade e está(ão) em processo.

Que a doença está evoluindo e já começaram a fazer testes de vacina em humanos (participante do município de Morro do Pilar, aplicação 01).

As informações são as seguintes: ainda não possui vacina para o vírus e devemos manter o isolamento social, evitar aglomeração e só sair de casa se for realmente preciso (participante do município de Piranga, aplicação 02).

Chega em minha comunidade informações sobre infectados, seus meios de prevenção, categoria de risco, situação no mundo e no Brasil, como o vírus se espalha, corrida pela vacina, busca por medicamentos que combate o coronavírus entre outras (participante do município de Rio Pardo de Minas, aplicação 02).

As pessoas que pegaram e morreram próxima a comunidade, a vacinação e assuntos ligados à volta às aulas (participante do município de Morro do Pilar, aplicação 03).

Chegaram e ainda chegam informações do número de mortos, de casos, de pessoas que se recuperaram, de como andam as vacinações, chega informações de pessoas próximas que estão [vacinadas] (participante do município de Rio Pardo de Minas, aplicação 03).

Nota-se que, diante do avanço dos casos, a(s) vacina(s) tornaram-se objeto de esperança para os sujeitos que vivenciaram a pandemia com sentimentos de medo e insegurança. Embora exista uma positividade em relação a este processo de

⁸. sobre a qualidade das informações verificar a categoria “Informações falsas ou duvidosas” em que há a avaliação dos sujeitos do projeto sobre as informações recebidas durante a pandemia.

imunização, também foi presente um bombardeio de questionamentos sobre a eficiência e eficácia dos imunizantes, assim como de informações falsas e duvidosas.

Cabe ressaltar que a ideia de vacinação –geral, em relação a todas as vacinas– encontra-se em debate nos dias atuais. Se, por um lado, há um movimento antivacinas que argumenta a não necessidade e os efeitos colaterais dos bioimunizantes (Couto et al., 2021), há um processo de reconhecimento da confiança dos usuários frente à efetividade das vacinações (Pugliesi et al., 2010), sendo que apenas os efeitos colaterais adversos podem fazer com que os sujeitos se sintam desencorajados à utilizá-las (Costa e Silva & Menandro, 2013). De acordo com Couto et al. (2021), desde 2016, nota-se a tendência à queda de cobertura vacinal no Brasil, o que tem gerado o recrudescimento de doenças transmissíveis que, até então, estavam controladas – como é o caso do sarampo. Sobre a vacinação frente à COVID-19, Forman et al. (2021) apontam que há indícios que políticas de vacinação divergentes podem alimentar a desconfiança e a hesitação em torno da imunização.

Nota-se, em consequência disso, que houve uma proliferação de informações falsas, seja sobre a vacinação para imunização da COVID-19, seja sobre temas correlatos, conforme será discutido na próxima categoria.

INFORMAÇÕES FALSAS OU DUVIDOSAS

A quarta categoria é composta pela avaliação feita dos sujeitos da pesquisa sobre a qualidade das informações recebidas durante a pandemia. Diante da quantidade e dispersão das informações, o que se nota é que, desde o início, além das informações dos órgãos de saúde baseadas na ciência e dados epidemiológicos, houve a circulação de informações desconstruídas, falsas e com intuito de manipulação política. Isso pode ter relação com o próprio ingrediente da pandemia: uma doença sem tratamento reconhecido que mobilizou países, comunidades e sujeitos para não serem infectados. Outro componente importante é o modelo de dispersão da informação que se utiliza comumente nos dias atuais: as redes sociais e os aplicativos de trocas de mensagens, que não têm compromisso –nem controle– imediato na transferência de informações verdadeiras. Cabe resgatar que, a respeito de informações sobre a pandemia, conforme (Galhardi et al., 2020, p. 4204), “10,5% circulam pelo Instagram, 15,8% pelo Facebook e 73,7% pelo WhatsApp”. Foi constatado, ainda, que “71,4% das mensagens falsas que circularam no WhatsApp citam a Fiocruz como fontes de textos”. Nesta categoria, foram separadas as avaliações que os participantes do projeto de extensão fizeram sobre as informações recebidas sobre a COVID-19 que chegaram durante os três momentos de análise. Ressaltamos que esta avaliação da qualidade da informação foi feita pelos próprios sujeitos do projeto, possivelmente comparando o que receberam por diferentes meios de comunicação e aquelas que consideraram com mais validade científica.

Porém chega bastante fake news em mensagens do WhatsApp relacionadas ao vírus (como utilização de máscaras do governo, álcool distribuído nos ambientes públicos, além disso questões religiosas que não estão acontecendo), mas como este não é o único meio de informação que a população possui, descobrem a notícia verdadeira logo (participante do município de Rio Pardo de Minas, aplicação 01).

Chega muitas coisas, nas quais nem sabemos em que acreditar. Dizem que quem tem mais risco são as pessoas idosas e/ou que tem alguma doença crônica (participante do município de Rio Pardo de Minas, aplicação 02).

Na minha comunidade as informações que chegam são as do Ministério da Saúde transmitidas pelo rádio e televisão. A maioria das pessoas tem a consciência da gravidade da COVID-19 e suas consequências. No entanto, algumas pessoas acreditam que se trata de uma "gripezinha"⁹, que as medidas de proteção são desnecessárias e que Deus sabe o dia que vamos morrer, não podemos evitar (participante do município de Capelinha, aplicação 02).

Assim, ao analisar as respostas dos estudantes, observa-se, no momento 03, a proliferação das informações falsas/duvidosas. Os respondentes avaliaram que, quanto à qualidade das informações sobre a pandemia, 34% eram ruins/regulars e 17% eram notícias falsas, totalizando 51% do total de informações recebidas. A este respeito, recordamos Garcia e Duarte (2020), que constatam ser intensa a circulação de notícias falsas no país.

Durante a pandemia inúmeras informações chegaram a nosso conhecimento, muitas se contradizendo outras e podemos ser chamadas de fake News, entretanto as que mais se sobressaíram foi em questões dos números pandêmicos e orientações quanto aos cuidados higiênicos para evitar e se proteger (participante do município de Taiobeiras).

As notícias são diversas; que o vírus pode vir a causar a morte, quando a pessoa é contaminada, mas também notícias que dizem que o vírus não existe que é uma invenção, dentre outras coisas. De certo modo, as notícias são contraditórias não havendo um consenso por parte das pessoas da comunidade. Desta forma, uns tornam as devidas providências quanto à proteção, e outros não se importam com as medidas necessárias para atenuar a disseminação da doença (participante do município de Santo Antônio do Retiro).

9. Em março de 2020, no início da pandemia, o presidente brasileiro pronunciou numa coletiva de imprensa que não seria uma 'gripezinha' que iria derrubar, isso se referindo aos principais sintomas da COVID-19, diminuindo a gravidade da pandemia já instaurada no país.

Vírus criado pela China, vacinas assassinas, vacina segura e métodos de profilaxia (participante do município de São Domingos do Prata).

Assim, do total de respondentes da terceira aplicação, 83% indicaram ter recebido notícias falsas sobre a COVID-19, 79% identificaram este tipo de informação em grupos familiares/amigos/trabalho (como *WhatsApp* ou outro aplicativo de troca de mensagens) e 21% sinalizaram ter se afastado de pessoas que partilhavam tais notícias.

Na terceira aplicação dos questionários, foi questionado: *Quais são as principais notícias falsas sobre a COVID-19 circularam nas suas comunidades rurais?* As respostas indicam que as informações duvidosas e sem fundamento científico estiveram presentes quanto aos principais elementos de controle do avanço dos casos, como no uso de máscaras, necessidade de restrição social e utilização de medicamentos ineficazes. Mas não se restringiram por aí

As informações falsas ou duvidosas despertaram a desconfiança das vacinas, da realidade do número de óbitos e incentivaram o uso de métodos ineficazes para o combate dos sintomas da COVID-19.

Quanto à circulação de informações relacionadas ao uso de máscaras e outras medidas de prevenção, apesar do reconhecimento científico da eficácia e eficiência para o controle de novos contágios (Cheng et al., 2021; Galanti et al., 2021; Qian & Jiang, 2020), os/as participantes da pesquisa relataram o recebimento das seguintes informações que foram avaliadas como falsas ou duvidosas:

Não precisa usar máscara! (participante do município de Icaraí de Minas)

Inicialmente sobre as máscaras, que eram maléficas à saúde se usadas em um período grande de tempo (participante do município de Paracatu).

Cabe resgatar que Alencastro e Melo (2021) sinalizam que a proliferação das informações durante a pandemia, algumas vezes informações falsas ou duvidosas, tem provocado desconfiança da população em relação às medidas de prevenção recomendadas para evitar o contágio. Sobre procedimentos ineficazes,

Os métodos caseiros de prevenção ou uso de medicamentos não autorizados e sem comprovação pelo Ministério da Saúde (participante do município de Icaraí de Minas).

Tomar sumo de mastruz acaba com Coronavírus (participante do município de Icaraí de Minas).

A principal foi um médico receitar 'kit cloroquina' em apenas suspeitos, sem a eficácia comprovada e também sem saber se as pessoas estavam ou não com Covid (participante do município de São Thomé das Letras).

O álcool pode ser substituído por vinagre; existem alguns chás e alimentos alcalinos que ajudam a combater a COVID-19 (alho, limão, laranja etc.) (participante do município de Capelinha).

Diante desses relatos, há indícios de que houve a veiculação sobre procedimentos ineficazes para o tratamento e proteção da COVID-19, mesmo que já existissem avaliações negativas. Conjecturamos que a proliferação de tais informações nas zonas rurais podem ter sido ainda maior do que em outros espaços por alguns motivos, dentre os quais o intenso uso cotidiano da medicina tradicional e, ainda, o restrito acesso aos serviços de saúde, devido ao fato destes estarem concentrados nas zonas urbanas dos municípios. A desinformação, segundo a OMS (2020), poderia ser enfrentada a partir de evidências científicas. Contudo, a distância dos centros de pesquisa, somada à dificuldade ou ausência de acesso à internet, dificulta tal acesso por parte das populações campesinas e pode fomentar a proliferação de informações falsas.

Sobre as informações quanto ao número de pessoas contaminadas, os óbitos e a divulgação de informações pela mídia, também foram compartilhadas informações falsas e sem comprovação científica:

Tipos de curas que não são cientificamente comprovadas. Que o vírus assim como a doença não existe, que é invenção da mídia. Que as pessoas que morrem são todos colocadas com morte causada por COVID-19 (participante do município de Santo Antônio do Retiro).

Números de infectados falsos e houve uma tentativa de maquiar esse número durante o período de eleições a fim de transmitir uma falsa sensação de segurança para a população (participante do município de Rio Pardo de Minas).

COVID-19 ser boa porque os prefeitos ganham muito dinheiro por causa da COVID (participante do município de Morro do Pilar).

Salientamos que estes excertos apontam que as informações que foram consideradas falsas ou não cientificamente comprovadas podem ter embasamento em situações e escolhas políticas e governamentais. Quanto aos contágios e óbitos, inicialmente o governo brasileiro fazia uma coletiva de imprensa quase todos os dias, com a presença de responsáveis do Ministério da Saúde para demonstrar o avanço da pandemia e as ações governamentais diante do avanço. Entretanto, após uma das trocas do Ministro da Saúde essa ação de divulgação foi interrompida e as agências governamentais não veicularam mais sobre novos casos e mortes por COVID-19. Restou a opção pela formação de um consórcio de veículos de imprensa para divulgação sobre número de casos de contágio e morte nos país, o que fomentou a desconfiança do público acerca dos dados. Sobre a 'invenção' de casos ou a notificação de outras doenças como COVID-19, nota-se que o caos metodológico,

as incertezas e as dificuldades impostas pela pandemia aos profissionais de saúde, além de inicialmente muitos casos acontecerem longe dos sujeitos pode ter gerado esta percepção. Acredita-se que o processo de interiorização da COVID-19 também pode ter colaborado (Ribeiro & Leal, 2020).

Informações falsas/duvidosas: homem morreu em Capelinha devido os efeitos colaterais da vacina contra a COVID-19; a pandemia é apenas uma gripezinha, o governo e as empresas que estão fazendo alarde para vender vacina, máscara e álcool; pessoas da mesma família ou da mesma comunidade podem se reunir/aglomerar, pois na roça não tem perigo [...] (participante do município de Capelinha).

Neste ponto, chamamos a atenção para a expressão que intitula o presente artigo, qual seja, “*na roça não tem perigo*”. Em pesquisa realizada por Mueller et al (2020), os autores destacaram que divisões e diferenças foram aprofundadas devido à pandemia, tais como as raciais e, também, a que diz respeito ao urbano/rural. Quanto a esta última clivagem, sinalizam que “diferenças de ordem geográfica nas taxas de infecção entre áreas urbanas e rurais apoiaram o pensamento de que o COVID-19 é o problema de outra pessoa” (p. 8).¹⁰

Por fim, evidencia-se as notícias falsas relacionadas às vacinas. Dentre as principais, a desconfiança quanto ao funcionamento das vacinas e a não recomendação devido aos possíveis efeitos colaterais.

As vacinas possuem chips (participante do município de Icarai de Minas).

Há também quem diga que certas vacinas já aprovadas pela ANVISA não são eficazes contra o vírus (participante do município de Rio Pardo de Minas).

A principal é quando a população espalha que a prefeitura está desviando as vacinas, coisa que na realidade não é verdade (participante do município de Icarai de Minas).

Vacinas assassinas (participante do município de São Domingos do Prata).

Atualmente a respeito da vacina, que ela possui efeitos colaterais que não passam, que tem gente morrendo porque tomou a vacina, que se as pessoas tomarem vacina podem se tornar animal, principalmente jacaré, dentre outras (participante do município de Rio Pardo de Minas).

10. A título de exemplo, enquanto, em Capelinha, no dia 21 de setembro de 2021, a taxa de letalidade chegou a 1,17%, com 3076 casos confirmados (8,83% do total populacional); a capital do estado, Belo Horizonte, possuía 2,38% de letalidade, com 278.370 casos confirmados (11,72% do total populacional).

Cabe ressaltar que a proliferação dessas notícias falsas pode estar relacionada, por exemplo, a políticas de vacinação divergentes e à ação de alguns políticos. Forman et al. (2021) apontam que isso pode alimentar a desconfiança e a hesitação em torno da imunização. Como já dito, com Couto et al. (2021), o Brasil enfrenta, desde 2016, uma tendência de queda de cobertura vacinal que pode ter impactado diretamente na imunização contra a COVID-19.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados analisados nesta investigação, salienta-se o modo como os processos de interiorização da pandemia no Brasil, em especial em Minas Gerais, associado à proliferação de informações, pode ter afetado os municípios menores e as comunidades rurais, em função de defasagens socioeconômicas e vulnerabilidades populacionais. Ressalta-se que um dos objetivos do projeto de extensão universitária analisado consistiu, diante do cenário vivenciado, em promover a comunicação da ciência diante da pandemia. Tal ação foi motivada pela identificação da desigualdade social e no acesso à informação no momento pandêmico.

Assim, diante das inseguranças do cenário pandêmico e do modo como a pandemia afeta e é percebida pelas populações rurais, ainda há a necessidade de criação de espaços qualificados de acesso à informação científica de qualidade, assim como de orientações em saúde para estes sujeitos e povos. A divulgação científica em períodos de insegurança epidemiológica pode combater a proliferação de informações falsas e duvidosas – espalhadas intencionalmente ou não – e gerar condutas que busquem a superação dos desafios impostos num cenário pandêmico como vistos nas falas dos sujeitos demonstrados neste artigo.

Neste caso, enfatizamos a necessidade de aprofundamento de análises acerca das ações, discursos e posicionamentos de instâncias governamentais, bem como de políticos e pessoas públicas, acerca de temáticas como as que foram abordadas neste estudo, com foco nas repercussões sobre políticas de condução em saúde para o enfrentamento da COVID-19. Assim, neste artigo, ao analisarmos o tema da desinformação e COVID-19 no contexto rural, diferentemente dos grandes centros urbanos, demonstramos que há um *locus* em que a divulgação científica ainda carece de ações, já que a falta delas ou a existência de desinformação pode acentuar os processos de desigualdade e vulnerabilidade social. É urgente a minimização de fatores de distorção das informações científicas que circulam entre as populações, especialmente aquelas socialmente mais vulneráveis.

REFERÊNCIAS

- Alencastro, A. & Melo, E. (2021). Reflexões acerca da 'infodemia' relacionada à Covid-19 (Reflections on 'infodemia' related to Covid-19). *Revista Mineira de Enfermagem*, 25, 1360-1364. <https://www.reme.org.br/artigo/detalhes/1552>
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo* (Content analysis). Edições 70.
- Brasil cai para 14o em ranking de mortalidade por covid. (2022, March 7). *Poder360*. <https://www.poder360.com.br/coronavirus/brasil-cai-para-14o-em-ranking-de-mortalidade-por-covid/>
- Cheng, Y., Ma, N., Witt, C., Rapp, S., Wild, P., Andreae, M., & Su, H. (2021). Face masks effectively limit the probability of SARS-CoV-2 transmission. *Science*, 372(6549), 1439-1443. <https://doi.org/10.1126/science.abg6296>
- Costa e Silva, S. & Menandro, M. (2013). Representações de idosos sobre a vacina da gripe (Representations of elderly people about the flu vaccine). *Revista Ciência e Saúde Coletiva*, 18(8), 2179-2188. <https://www.redalyc.org/pdf/630/63027994002.pdf>
- Couto, M., Barbieri, C., & Matos, C. (2021). Considerações sobre o impacto da covid-19 na relação indivíduo-sociedade: da hesitação vacinal ao clamor por uma vacina (Considerations about the impact of covid-19 on the individual-society relationship: from vaccine hesitation to the demand for a vaccine). *Revista Saúde e Sociedade*, 30(1), e200450. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200450>
- Dictionary.com. (2020, May 15). "Misinformation" vs. "Disinformation": Get Informed On The Difference. *Dictionary.com*. <https://www.dictionary.com/e/misinformation-vs-disinformation-get-informed-on-the-difference/>
- Eysenbach, G. (2020). How to Fight an Infodemic: the four pillars of infodemic management. *Journal of Medical Internet Research*, 22(6), e21820. <https://www.jmir.org/2020/6/e21820/>
- Forman, R., Jit, M., & Mossialos, E. (2021). Divergent vaccination policies could fuel mistrust and hesitancy. *The Lancet*, 397(10292), 2333. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(21\)01106-5](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(21)01106-5)
- Fraga, K., Fiúza, A., Silva, J., & Motta, J. (2017). A relação das sociedades rurais com o rádio na contemporaneidade (The relationship of rural societies with radio in contemporary times). *Espacios*, 38(34), 19-25. <https://www.revistaespacios.com/a17v38n34/a17v38n34p19.pdf>
- Fundação Oswaldo Cruz. (2020). *Covid-19 e infodemia: promovendo comportamentos saudáveis* (Covid-19 and infodemia: promoting healthy behaviors). <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1994-covid-19-e-infodemia-promovendo-comportamentos-saudaveis>
- Galanti, M., Pei, S., Yamana, T., Angulo, F., Charos, A., Swerdlow, D., & Shaman, J. (2021). Social distancing remains key during vaccinations. *Science*, 371(6528), 473-474. <https://doi.org/10.1126/science.abg2326>
- Galhardi, C. P., Freire, N. P., Minayo, M., & Fagundes, M. (2020). Fato ou fake? uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil (Fact or fake? an analysis of non-information in the face of the Covid-19 pandemic in Brazil). *Ciência e Saúde Coletiva*, 25(2), 4201-4210. <https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.2.28922020>

- Garcia, L. & Duarte, E. (2020). Infodemia: excesso de quantidade em detrimento da qualidade das informações sobre a COVID-19 (Infodemia: excess quantity at the expense of the quality of information about COVID-19). *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 24(4), e2020186. <https://doi.org/10.1590/S1679-49742020000400019>
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (Methods and techniques of social research) (6ª ed.). Atlas.
- Leal, Á., Dias, A., & Camargos, O. (2019). Cartografia das licenciaturas em Educação do Campo no Brasil: expansão e institucionalização (Cartography of degrees in Rural Education in Brazil: expansion and institutionalization). In M. Molina & M. Almeida-Martins (Eds.), *Formação de formadores: reflexões sobre as experiências da Licenciatura em Educação do Campo no Brasil* (pp. 39-53). Autêntica.
- Mueller, T., McConnell, K., Burow, P. B., Pofahl, K., Merdjanoff, A., & Farrell, J. (2020). Impacts of the COVID-19 pandemic on rural America. *PNAS*, 118(1), 2019378118. <https://doi.org/10.1073/pnas.2019378118>
- Organização Pan-Americana da Saúde. (2020). *Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a Covid-19* (Understand infodemia and misinformation in the fight against Covid-19). https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14&isAllowed=y
- Polino, C. (2019). Públicos de la ciencia y desigualdad social en América Latina (Publics of Science and Social Inequality in Latin America). *Journal of Science Communication América Latina*, 2(2), A05. <https://doi.org/10.22323/3.02020205>
- Pugliesi, M., Tura, L., & Andreazzi, M. (2010). Mães e vacinação das crianças: estudo de representações sociais em serviço público de saúde (Mothers and child vaccination: study of social representations in public health services). *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 10(1), 75-84. <https://doi.org/10.1590/S1519-38292010000100008>
- Qian, M. & Jiang, J. (2020). Covid-19 and social distancing. *Journal of Public Health*, 20, 1-6. <https://doi.org/10.1007/s10389-020-01321-z>
- Reuters. (2021). *Covid-19 Tracker: América Latina e Caribe*. <https://graphics.reuters.com/world-coronavirus-tracker-and-maps/pt/regions/latin-america-and-the-caribbean/>
- Ribeiro, L. & Leal, A. (2020). Práticas religiosas, COVID-19 e campesinato: uma análise em dois momentos da pandemia a partir de um projeto de extensão (Religious practices, COVID-19 and peasantry: an analysis in two moments of the pandemic from an extension Project). *Revista Brasileira de Educação do Campo*, 5, e10818-e10818. <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/10818/18000>
- Ribeiro, L., Leal, Á., Oliveira, L., & Ribas, S. (2021). Educación, pueblos rurales y pandemia de la COVID-19: reflexiones a partir de un proyecto de extensión de una universidad pública brasileña (Education, rural communities and the COVID-19 pandemic: reflections from an extension project of a public university in Brazil). *Revista Iberoamericana de Educación*, 86(1), 79-96. <https://doi.org/10.35362/rie8614259>

- Sequinel, R., Lenz, G., Silva, F., & Silva, F. (2020). Soluções a base de álcool para higienização das mãos e superfícies na prevenção da Covid-19: compêndio informativo sob o ponto de vista da química envolvida (Alcohol-based solutions for hand and surface hygiene in the prevention of Covid-19: an informative compendium from the point of view of the chemistry involved). *Química Nova*, 43(5), 679-684. <https://doi.org/10.21577/0100-4042.20170553>
- Taschner, N. & Orsi, C. (2021). Science based public policies: lessons from Covid19 on the use of randomized trials. *Genetics and Molecular Biology*, 44(1), e20200273. <https://doi.org/10.1590/1678-4685-gmb-2020-0273>
- Vasconcellos-Silva, P. & Castiel, L. (2020). Covid-19, as fake news e o sono da razão comunicativa gerando monstros: a narrativa e os riscos das narrativas (Covid-19, fake news and the sleep of communicative reason generating monsters: the narrative and the risks of narratives). *Cadernos de Saúde Pública*, 36(7), e00101920. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00101920>
- World Health Organization. (2021). *WHO Coronavirus (COVID-19)*. <https://covid19.who.int/>
- Zarocostas, J. (2020). How to fight an infodemic. *The Lancet*, 395(10225), 676. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30461-X](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30461-X)

SOBRE OS AUTORES

LUIZ PAULO RIBEIRO, Professor do Departamento de Ciências Aplicadas à Educação da Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, Brasil. Psicólogo, Doutor e pós-doutor em Educação (UFMG) e Mestre em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência (UFMG). Coordenador do Projeto de Extensão “Povos do Campo e a COVID-19” (LECampo FaE/UFMG). Faz parte do Grupo Impulsor da Red Latinoamericana de Psicologia Rural e é vice-coordenador do Doutorado Latino-Americano em Educação da UFMG.

 <https://orcid.org/0000-0002-4278-7871>

ÁLIDA ANGÉLICA ALVES LEAL, Professora do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino da Faculdade de Educação/UFMG. Doutora e Mestre em Educação pela FaE/UFMG. Licenciada em Geografia/UFMG. Leciona no Curso de Licenciatura em Educação do Campo/UFMG. Co-coordenadora do Projeto de Extensão “Povos do Campo e a COVID-19” (LECampo FaE/UFMG). Participa do Núcleo de Pesquisa sobre Condição e Formação Docente e da Rede Brasileira por Instituições educativas socialmente justas e aldeias, campos e cidades que educam. Co-Coodenadora do Observatório da Juventude/UFMG.

 <https://orcid.org/0000-0001-7438-0534>